

DIALÉTICA NEGATIVA E A TRADIÇÃO EPISTEMOLÓGICA NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS¹

José Henrique de Faria*
Francis Kanashiro Meneghetti**

Resumo

A primazia do objeto é condição fundamental de compreensão da realidade para a dialética negativa proposta por Adorno. Este ensaio tem como objetivo principal apresentar a Dialética Negativa como método de reflexão, bem como suas eventuais contribuições para os Estudos Organizacionais. Para isto, será necessário verificar como a Dialética Negativa se apresenta como um “atentado” contra a tradição; como o cognoscível é construído na relação objeto ↔ sujeito ↔ objeto pelo princípio da não-identidade; como a aparência e a contradição são elementos de recusa a uma totalidade definitiva; como o conceito, enquanto elaboração do pensamento, e as categorias, enquanto modo de apreensão do real pelo pensamento, são elementos constitutivos da formação da realidade; e como se formam os sistemas totalitários. Com isto, será possível verificar como a construção do entendimento ocorre por meio de construções afirmativas contrárias à Dialética Negativa, que se firma com base no princípio da não-identidade. Também será possível compreender como os chamados Estudos Organizacionais em geral se caracterizam por concepções epistemológicas que podem ser fontes inesgotáveis de análise sob a perspectiva da Dialética Negativa.

Palavras-chave: Estudos organizacionais. Teoria crítica. Epistemologia. Dialética negativa. Theodor W. Adorno.

Negative Dialectics and the Epistemological Tradition in Organizational Studies

Summary

The primacy of the object is fundamental to understanding the reality of the negative dialectic proposed by Adorno. This essay aims to present the main Negative Dialectic as a method of reflection, as well as its possible contributions to organizational studies. In order to do this there is a need to check how the Negative Dialectics is presented as an “attack” against tradition; as the knowable object is constructed in relation object ↔ subject ↔ object by the principle of non-identity; how appearance and contradiction are elements of refusal to a final totality; how the concept, while elaboration of thought, and categories, as a mode of understanding reality through thought, are evidence of the formation of reality; and how totalitarian systems are formed. With this, it can be seen how the construction of understanding occurs through affirmative constructions contrary to Negative Dialectics, established on the principle of non-identity. Furthermore, we can understand how so-called organizational studies in general are characterized by epistemological concepts that can be inexhaustible sources of analysis from the perspective of Negative Dialectics.

Keywords: organizational studies; critical theory; epistemology; negative dialectics; Theodor W. Adorno.

¹ Artigo apresentado no XXXI Encontro da ANPAD - ENANPAD 2007

* Pós-Doutorado Labor Relations pela University of Michigan. Professor Titular da Universidade Federal do Paraná - PPGE/UFPR, Curitiba/PR/Brasil. Endereço: Rua São Pedro, 637/61. Curitiba/PR. CEP: 80035-020. E-mail: jhfarria@gmail.com.

** Doutor em Educação pela UFPR. Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Administração da Universidade Positivo, Curitiba/PR/Brasil. E-mail: fkmenehetti@gmail.com.

Introdução

Theodor W. Adorno é considerado um dos mais importantes intelectuais da chamada Escola de Frankfurt (WIGGERSHAUSS, 1994; WILSON, 2007, CLAUSSEN, 2008; THOMSON, 2010). Seu pensamento sobre Teoria Crítica e sobre Indústria Cultural (HORKHEIMER; ADORNO, 2002) constitui sua contribuição mais conhecida, embora as reflexões sobre a dialética do esclarecimento, a dialética negativa e a semiformação sejam fundamentais para o entendimento da proposta da primeira geração da Escola de Frankfurt. Todavia, as contribuições de Adorno vão além destas. Suas discussões sobre a arte e a estética (ADORNO, 2002), sobre a metafísica (ADORNO, 2001b) e sobre a música (ADORNO, EISLER, 1976) são igualmente relevantes. Jay (1984), por exemplo, trata da obra de Adorno como sendo de suma importância para a filosofia e para as diversas áreas do conhecimento e temáticas por ele tratadas.

Este ensaio tem como fundamento a análise do pensamento de Theodor W. Adorno, mais especificamente, de suas concepções expressas na obra "Dialética Negativa". Não é propósito, aqui, fazer a defesa da Dialética Negativa, mas apenas de considerá-la como orientação analítica para os Estudos Organizacionais. Dialética Negativa é considerada a reflexão mais completa e mais madura do autor; além de ser um dos seus últimos escritos, é entendida como a síntese do complexo pensamento desse filósofo, que viveu a barbárie do Holocausto na Alemanha nazista. A importância da Dialética Negativa, direta e indiretamente, para os Estudos Organizacionais, pode ser avaliada, por exemplo, nos estudos que tratam da formação ou educação e das análises sociais, como em O'Connor (2004), Buck-Morss (1977), Nobre (1998), Maar (2006), Rose (1978), Chiarello (2007), Duarte (2007) e Musse (2003; 2007). As complexidades da obra e do pensamento adorniano exigem um esforço permanente de estudos e reflexões, tanto na filosofia, na sociologia, na educação, na ciência política e na psicologia e, portanto, nos estudos interdisciplinares sobre as organizações.

Adorno faz com a Dialética Negativa uma profunda reflexão sobre a realidade de sua época. Suas análises teóricas da sociedade têm por base categorias carregadas de realidade, ou seja, suas construções teóricas refletem as leituras de uma sociedade que se manifesta de forma imediata em suas contradições. Adorno investiga uma sociedade que, ao exercer sua capacidade de domínio da natureza, vive a contradição da perda de controle sobre a condição humana ao expressar de forma contundente a violência dos homens em relação a eles mesmos. Tal realidade, que se representou na 2^a. Guerra Mundial com todas suas consequências, parece ter se reconstituído, ainda que em outras bases, nestas últimas três décadas.

Adorno, de forma singular, analisa as categorias constitutivas da formação do pensamento totalitário, formulando, a partir delas, relações entre conceito, pensamento e sistema de maneira a permitir tensionar a barbárie, o cotidiano dos indivíduos e a construção das ciências. Assim, este ensaio não tem o propósito de fazer a defesa da dialética negativa adorniana, mas de apresentá-la como um método de reflexão que pode trazer contribuições para os Estudos Organizacionais de natureza crítica. Para isto, procurar-se-á verificar (i) como a Dialética Negativa se apresenta enquanto um "atentado" (ou vigilância) contra a tradição, representada pela teoria tradicional, particularmente contra o positivismo; (ii) como o cognoscível é construído com base na relação sujeito/objeto e pelo princípio da não-identidade; (iii) como a aparência e a contradição constituem elementos da recusa da totalidade; (iv) como o conceito, o pensamento e as categorias são elementos constitutivos da formação da realidade; e (v) como se formam os sistemas totalitários. Assim, este ensaio não deixa de apresentar uma forma de questionamento decorrente do pensamento adorniano para todas as correntes epistemológicas, mostrando, inclusive, as diferenças com o materialismo histórico e com seu método dialético e indicando que, apesar da teoria crítica frankfurtiana da primeira geração ter se inspirado no marxismo, dele se afasta em pontos importantes, originados nos princípios fundamentais da construção da crítica elaborada por Theodor W. Adorno.

Dialética Negativa e o Atentado Contra a Tradição

Um dos primeiros pontos a esclarecer sobre o método da dialética negativa é sua relação com o marxismo, pois isto permitirá refletir melhor sobre a proposta de Adorno. Há quem considere, alhures, que Adorno segue o método proposto por Marx, inclusive em seu famoso capítulo sobre o método nas Contribuições à Crítica da Economia Política (MARX, 1977). Até que ponto isto seria correto? Sem pretender fazer uma discussão detalhada deste tema, é preciso dizer, desde logo, que o modo e as relações de produção constituem, para o materialismo histórico, os fundamentos das formações sociais. Assim, ao estudar a forma como a sociedade se organiza para prover as condições materiais de sua existência, Marx não apenas analisa o processo social, como faz do materialismo histórico o que se convencionou chamar de “ciência filosófica do marxismo”, o que equivaleria a uma epistemologia marxista. O conteúdo da Dialética Negativa sugere que Adorno não é um pensador marxiano, apesar de utilizar o referido capítulo do método em Marx (1977). Quando usa a expressão *primado do objeto* em um seminário na Universidade de Frankfurt, em 1962, intitulado “Marx e os Conceitos Fundamentais da Sociologia” (MAAR, 2006), Adorno não adere ao método de Marx, daí porque seria mais adequado considerá-lo um marxista heterodoxo, já que busca em Marx inspiração para suas reflexões. Aqui, a classificação como marxista ou não somente tem importância para analisar as aproximações e distanciamentos.

De fato, suas avaliações em relação à economia ou às formas de entendimento sobre as relações de produção nem sempre possibilitam interpretar suas análises como sendo construções marxistas. Ao contrário, ao não considerar o modo de produção como condicionante das relações superestruturais, Adorno se afasta do pressuposto essencial da análise marxista. Ao se apresentar como um filósofo de profundo conhecimento sobre a história da filosofia, Adorno faz análises de temas relacionados aos grandes problemas filosóficos sob a inspiração de Kant. Assim, quando promove análises e estudos de temas relacionados a questões caracterizadas como temática do plano da superestrutura (cultura, formação, filosofia, política, preconceito, personalidade e outros), Adorno inaugura uma nova forma de trabalhar com o marxismo. De tal maneira ele promove uma transformação nos estudos marxistas que até então se concentravam em Kautski, Lênin, Lukács, Rosa Luxemburgo, apenas para citar alguns exemplos, que muitos dos seus críticos já não o consideram marxista, mas um revisionista do marxismo. De fato, não há como não concordar com vários argumentos de seus críticos marxistas nos aspectos metodológico, epistemológico e ontológico; porém, é preciso notar que há uma apropriação de algumas idéias expostas por Marx. O fato de considerar a mercadoria como elemento definidor das relações sociais e culturais, por exemplo, o aproxima do raciocínio marxista.

Do ponto de vista filosófico, os escritos e reflexões de Adorno, como se disse anteriormente, são influenciados pelo pensamento de Kant (ADORNO, 2001a), o que não o torna um kantiano, mas o distancia do materialismo marxista. Para Musse (2003), como já indicado, Adorno se posiciona criticamente em relação ao idealismo e defende o embasamento materialista da filosofia, por meio da “primazia do objeto”. Para tanto, utiliza-se das reformulações das categorias kantianas, sem a qual não seria possível se livrar do idealismo hegeliano. Assim, a teoria materialista postulada por Adorno apresentar-se-ia como uma espécie de prosseguimento da filosofia kantiana, sem esquecer, contudo, dos ajustes com a filosofia transcendental e a crítica imanente do idealismo kantiano (MUSSE, 2007). Contudo, o fato de considerar a primazia no objeto não é suficiente para fazer de Adorno um materialista histórico e que utiliza a dialética marxista. Em suas análises desaparecem as categorias marxistas e os conceitos delas resultantes sobre, por exemplo, divisão do trabalho, lutas de classe, modo de produção. Além disto, também, não há referência à tensão entre o real concreto e o real pensado na forma marxista. Trata-se, assim, de uma diferença ao mesmo tempo epistemológica, metodológica e ontológica.

A proposta de Adorno pode ser considerada como materialista não dogmática, ou seja, que não segue a rigidez de um materialismo que ele considera ideologizante e superficial. Entretanto, no campo do marxismo, sua proposta tem sido tratada como

fracassada no enfrentamento e superação da concepção idealista. Contudo, autores como Chiarello (2007), por exemplo, afirmam que não é justo recriminar a dialética negativa adorniana por não ter sido capaz de libertar totalmente a dialética da concepção kantiana e hegeliana, já que o empreendimento central de Adorno sempre foi o de defender a primazia do objeto e não o de “destruir” as concepções idealistas. Mas, há um contra-argumento segundo o qual este não seria o problema central da crítica marxista e não seria aqui que se deveria concentrar esta análise. Assim, o que de fato seria importante salientar, na esteira de Nobre (1998), é que Adorno nunca teve como pretensão reformular o quadro teórico marxista, mas sim interrogá-lo do ponto de vista da emancipação, levando em consideração os avanços das ciências e das técnicas. Adorno não pode ser considerado um marxista tradicional ou dogmático, mas não se pode deixar de reconhecer, como indicam os estudos de Thomson (2010), que as influências do pensamento marxiano estão presentes em muitas das suas análises.

De acordo com Maranhão (2010, p. 42), “seguindo a construção teórica de Adorno sobre a primazia do objeto” é possível concluir que “a idéia é objeto; conceito concreto da realidade factual. Assim também o é o sujeito. Significados em seu materialismo, ambos apontam para o sentido que a experiência humana detém nas condições dadas da vida social. Eles apontam para a realização da idéia na vida concreta”. Sujeito e objeto, “ao mesmo tempo em que são matérias, são idéias. Eles se constituem como seu contrário. Esse é o conceito de constelação de idéias” (MARANHÃO, 2010, p. 42). Assim, é importante considerar Adorno um marxista heterodoxo, sendo esta a condição de fundação da Teoria Crítica da primeira geração da Escola de Frankfurt. Não que esta filiação seja primordial, mas tal entendimento auxilia a análise do projeto adorniano, suas proximidades e diferenças com o marxismo do ponto de vista metodológico, que é o objeto deste estudo. Embora seus estudos as reflexões sempre tivessem como método de análise da realidade a dialética, que é a base filosófica e metodológica do marxismo, nunca de fato se tratou de uma dialética marxista, ainda que, como nesta, Adorno buscasse explicações coerentes, lógicas e racionais para os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento.

Os trabalhos de Adorno se afastam das idéias marxianas, mas não totalmente do marxismo. Seu afastamento das análises de Marx se dá quando o mesmo dialoga com Freud e Weber, especialmente quando se interessa pelos estudos da cultura, da educação, das artes, bem como do sujeito, das pulsões, da personalidade, quando, então, deriva para uma concepção que tem origem tanto no plano superestrutural, como no individual, psicológico. É interessante notar, todavia, que esta crítica vinda do marxismo é a mesma que Popper (1978) faz ao materialismo histórico que ele considera uma “pseudociência”, colocando-o ao lado do freudismo. Adorno considera que a dialética tradicional não tinha probabilidade de considerar o sujeito de forma adequada. Desta maneira, o afastamento de Adorno do marxismo tradicional sugere não um desvirtuamento, mas uma busca por um próprio modo de reflexão, sentindo-se descompromissado com os postulados marxistas, weberianos, freudianos. Por conseguinte, a primazia do objeto não é o mesmo que a primazia do real enquanto realidade histórica e material. Ela pretende um alcance para além de tal realidade.

Resolvida essa primeira questão, qual seja, diferenciar o referencial marxista do projeto adorniano, é preciso dar um passo adiante em direção ao problema da dialética. Os estudos de Marx eram expressões formais de uma análise dialética, ainda que ele não se referisse à mesma. Isto fica claro quando, por exemplo, Marx trata do mundo concebido, das categorias e do real. Para Marx (1974):

O real torna-se [...] o mundo concebido. O movimento das categorias aparece a esta consciência como um verdadeiro ato de produção que recebe um simples impulso do exterior. Deste modo, o movimento das categorias tem como resultado o mundo. Isto é correto na medida em que a totalidade concreta (posto que é totalidade pensada ou representação intelectual do concreto) é produto do pensamento e da representação. Mas não é produto absoluto do conceito que se originaria a si próprio, que pensaria acima e à parte da percepção e da representação; é produto da elaboração dos conceitos partindo da percepção e da intuição. Assim, a totalidade que se manifesta na mente como um todo pensado é produto do cérebro pensante que se apropria do mundo pela única forma possível (MARX, 1974, p. 39).

Assim, quando Marx afirma que o real é cognoscível, ele não está dizendo que a realidade se transporta para o cérebro em sua totalidade, mas em sua condição de realidade pensada, ou seja, em categorias. Então, quando Marx utiliza-se do pensamento dialético, ele não se refere à tese, antítese e síntese. Esta reflexão aparece como concepção de uma dialética marxista primeiramente em Engels (1976), com sua dialética da natureza, na qual desenvolve, entre outros, o argumento mecanicista de que o casulo e a lagarta seriam fases dialéticas da borboleta, e posteriormente em Lênin (CHEPTULIN, 1982) e em uma justificativa filosófica do stalinismo (POLITZER, et al., 1977). Em linhas gerais, entre os princípios da dialética, dois se destacam: (i) o princípio da conexão universal dos objetos e fenômenos e o (ii) princípio do movimento permanente e do desenvolvimento. O primeiro afirma que a característica essencial da matéria é a interconexão de objetos e fenômenos, pois não há um objeto separado do outro. Os fenômenos da natureza estão relacionados e determinados mutuamente, havendo, portanto, uma interligação que forma um sistema material. Este se caracteriza por definições objetivas, da qual se estabelecem formas concretas para conhecimento da realidade. O segundo princípio afirma que tudo está em movimento e se transforma. Justamente, as contradições internas de um objeto ou fenômeno constituem a causa desse movimento e desse desenvolvimento. As mudanças e transformações da sociedade e da natureza estão nelas mesmas e não fora delas. Fontes exteriores para explicação da realidade (existência de um Ser Supremo, impulsos iniciais, concepções idealistas) não são consideradas como referências explicativas.

As análises adornianas, tanto de natureza ontológica como gnosiológica, estão imbricadas em uma concepção dialética não marxista, com pretensões a uma materialidade, mas que se concentra nos conceitos. Neste sentido, pode-se afirmar que Adorno não se contentou em ser espectador em relação ao método, procurando desenvolver sua concepção para além deste tema. Como filósofo, estudioso da dialética, de Platão a Marx, passando por Kant, Hegel e pela dialética quase desconhecida de alguns filósofos da Idade Média, Adorno, segundo Jameson (1997, p. 101), apresenta a

(...) filosofia “crítica” ou “negatividade-dialética” [...] – não mais tomada como método, mas como conjunto de resultados e conceitos filosóficos substanciais – pode, nesse sentido, ser considerada correspondendo ao que Sartre (de maneira não totalmente feliz) chamou “ideologia”, uma correção à concepção do marxismo como a “única filosofia insuperável de nossa época, uma flexibilização daquilo que havia enrijecido dogmaticamente esse último, e uma lembrança dessas questões – com tanta frequência chamadas “fator subjetivo”, consciência ou cultura – que se situam além de suas fronteiras oficiais (JAMESON, 1997, p. 104).

Apesar disso, em alguns estudos sobre dialética, é comum encontrar análises que apresentam algumas características dialéticas como sendo de origem marxista, como é o caso dos já citados Cheptulin (1982) e Politzer *et al.* (1977). Nesses casos, as chamadas leis da dialética são extraídas da natureza, da mesma forma como da história da sociedade humana. De acordo com os dois princípios do que se chama, não apropriadamente, de materialismo dialético, as leis da dialética são condições necessárias para entender a realidade.

A primeira lei é a da unidade e da luta dos contrários, ligadas ao princípio da conexão universal. Os elementos ou forças internas de um objeto ou fenômeno excluem-se mutuamente por causa de sua dicotomia oposicionista. Exemplos disso são: o ímã com seu pólo positivo e negativo; a sociedade capitalista com a separação entre burguesia e proletariado; o átomo com seu núcleo (positivo) e seus elétrons (negativo). Apesar da oposição, um elemento não existe sem o outro, ou seja, sem o seu oposto. Note-se, aqui, que se os contrários capitalistas e trabalhadores, quando em confronto, admitem um terceiro incluso (uma síntese, que de qualquer forma é uma nova tese, uma transformação), os pólos positivo e negativo do ímã e o núcleo e os elétrons do átomo apresentam-se em uma posição dualista definitiva.

A segunda lei é a da transformação da quantidade em qualidade e vice-versa, segundo a qual a alteração da qualidade de um objeto dar-se-á segundo essa lei, mediante a soma ou subtração da matéria de quantidade. Exemplo disso é a água, cuja composição se altera conforme a composição dos seus elementos: a adição de

uma molécula de oxigênio transforma a água em peróxido de hidrogênio. Nesse caso, também se encontra o clássico exemplo da água colocada para ferver. A temperatura aumenta grau a grau, ou seja, há uma mudança quantitativa, até que ao chegar a 100°. Celsius a água se torna vapor, o que significa mudança de qualidade. Esta segunda lei alimentou e ainda alimenta a fantasia revolucionária segundo a qual um novo modo de produção virá por si mesmo, como uma obra da natureza, não requerendo nenhuma ação, luta ou projeto.

A terceira lei é a da negação da negação. Esta permite afirmar que o desenvolvimento da sociedade está ligado ao nascimento do novo e à morte do velho, em contínuo processo de renovação que faz a sociedade viver em permanente processo histórico. Dentre essas mudanças, citam-se as alterações climáticas, a presença de eras glaciais, a transformação das características geológicas, que vêm ocorrendo nos milhões de anos de existência do planeta, provocando o nascimento e a morte de civilizações inteiras na história da humanidade. Apesar disso, cada “estágio” só pode ser negado se o anterior acontecer. Não haveria presente, se não tivesse havido o passado e não há futuro sem a ocorrência do agora e de um passado. Essa negação não implica a desnecessidade dos elementos ou fenômenos anteriores. Esta lei tem direcionado alguns estudiosos a procurar a síntese (negação da negação) onde ela sequer se constituiu. Já que há uma lei que assevera a existência do terceiro incluso, é preciso encontrá-lo. Contudo, somente em uma perspectiva histórica se poderá deduzir a síntese.

Estas leis da dialética aparecem na concepção de Adorno, porém sem a força filosófica que elas contêm e tampouco com os propósitos prescritivos que elas revelam. Sua preocupação visava livrar a dialética da tendência afirmativa, muito frequentemente presente nas análises da realidade. Assim, ao contrário de uma vinculação à dialética chamada marxista,

La formulación Dialéctica Negativa es un atentado contra la tradición. Ya en la dialéctica platónica, el instrumento lógico está al servicio de un resultado positivo; la figura de una negación de la negación fue siglos después un nombre pregnante para lo mismo. Este libro intenta libertar la dialéctica de una tal naturaleza afirmativa, sin perder lo más mínimo en precisión. Devanar su paradójico título es una de sus intenciones (ADORNO, 1975, p. 7).

Seu estudo se contrapõe aos princípios do materialismo histórico e questiona o que se chama de leis da dialética marxista (CHEPTULIN, 1982). Seu objetivo é questionar a forma como essa abordagem perde poder crítico quando está a serviço da tradição, isto é, quando se consolida pela forma afirmativa em favor da renúncia da negação da identidade. Dessa forma,

contra a dialética da síntese e da conciliação, Adorno baseia-se na dialética da negação, na dialética negativa, isto é, na dialética que nega a identidade entre realidade e pensamento e que, portanto, desbarata as pretensões da filosofia de captar a totalidade do real, revelando-lhe o ‘sentido’ oculto e profundo (REALI; ANTISERI, 1991, p. 841).

Como todo conhecimento é construído no plano social, mas manifesto também nas instâncias individuais, um dos objetos privilegiados nas análises de Adorno é a forma como a realidade se apresenta no pensamento. Adorno procura, portanto, estabelecer uma vigilância contra o pensamento tradicional, responsável por permitir as diversas formas de barbáries sociais. O atentado (ou a vigilância), dessa forma, é contra o pensamento tradicional, omisso, ou que racionaliza em favor do estabelecimento de formas totalitárias de racionalizações, sem nenhuma forma de questionamento ou de permissão para manifestação de contradições. De certa maneira, esta posição de não tratar a dialética como prescrição metodológica e nem como inevitabilidade da natureza compõe o quadro crítico da perspectiva marxiana.

Adorno é um leitor atento da filosofia e da história geral e específica. Suas análises buscam, antes de tudo, questionar como os momentos na história se formaram e sedimentaram pensamentos tradicionais em suas épocas. Assim, não poupa críticas a alguns marxistas tradicionais. O compromisso da dialética, segundo a dialética negativa, é a de renúncia, da qual não é possível livrar a sociedade “das trevas” e do mito sem que o elemento central seja a negação das formas afirmativas. Sem pretender

antecipar, mais adiante ver-se-á que a dialética negativa não defende a concepção de que não se pode chegar a algumas conclusões afirmativas. Sua proposta é impedir que a afirmação se consolide como dogma, em favor de formas totalitárias de pensamento. Contudo, ao se colocar, no centro da análise dialética, o princípio da identidade e da não-identidade, que corresponderia ao Eu e Não-Eu winnicotiano, abre-se a porta pela qual o objeto perde a primazia para a idéia e a realidade para a metafísica kantiana. De fato, segundo Jameson (1977, p. 101), o que pretende a dialética negativa é questionar “os usos e abusos do que ele chama dialética, o que se pode e o que não se pode pensar da identidade e da não-identidade – tudo isso entra no lugar da preocupação central de Kant com a Razão e com suas funções legítimas e ilegítimas”.

Portanto, a Dialética Negativa apresenta-se como um atentado contra a tradição por questionar a forma tradicional de se fazer pesquisas e por revelar e denunciar as formas apresentadas nos modelos prontos, nos equívocos conceituais, nas incoerências epistemológicas e, sobretudo, nas contradições existentes no discurso, tendo em vista a realidade que tenta explicar. É com este propósito que a dialética negativa tem se apresentado como uma possibilidade metodológica e analítica na área de Estudos Organizacionais.

Pode-se, finalmente, deduzir, fazendo um ajuste a partir das reflexões de Rüdiger (2004, p. 238), que a Dialética Negativa apresenta cinco princípios metodológicos:

- i. A interpretação de um fenômeno deve considerar sua estrutura no contexto do processo histórico global da sociedade;
- ii. O fenômeno estudado produz e reproduz do ponto de vista econômico, técnico e espiritual (plano da consciência) as categorias e contradições sociais dominantes;
- iii. Os fenômenos são fatos sociais que devem ser julgados de acordo com certos critérios de valor imanentes, os quais devem ser descobertos através de uma reflexão histórica;
- iv. A crítica considera o homem como sujeito e situa o fenômeno estudado em relação aos mecanismos existentes entre estrutura social, as formas de consciência e o desenvolvimento psíquico do indivíduo;
- v. Os estímulos produzidos na esfera da relação dos sujeitos com a produção social devem ser considerados fenômenos históricos, pois ambos, estímulos e sujeitos, são historicamente formados.

Para os Estudos Organizacionais, o método da dialética negativa indica que (i) o campo empírico deve ter sua materialidade social, contextual e historicamente considerada; (ii) que não se pode discutir um conceito a não ser com um conceito que se origina de um mesmo fato (o que eliminaria a discussão metafísica e estéril de discutir o conceito pelo conceito); (iii) que os valores que compõem o julgamento de um fato pesquisado devem ser históricos e não subjetivos ou que decorram de escolhas aleatórias; (iv) que o sujeito não é um indivíduo que se pesquisa a partir de suas reações, respostas, discursos e comportamentos, mas um sujeito social e historicamente situado (do ponto de vista da consciência e da estrutura psíquica).

Neste item foi possível, então, mostrar, em primeiro lugar, que a proposta de Adorno, ainda que se inspire no marxismo, se afasta das idéias originais de Marx e que a dialética negativa não corresponde nem à dialética praticada por Marx em suas análises e nem à dialética marxista proposta por Engels, Lênin e outros. Esta primeira conclusão é fundamental, porque muitas vezes Adorno é lido marxianamente e Marx é interpretado de forma adorniana. Pode-se fazer uma interpretação marxista de Adorno em alguns de seus trabalhos, mas não se pode, definitivamente, fazer uma interpretação adorniana de Marx para explicá-lo.

O Cognoscível na Relação Objeto ↔ Sujeito ↔ Objeto e o Princípio da Não-Identidade

Neste item, procurar-se-á apresentar como aquilo que pode ser conhecido, para Adorno, apóia-se em dois princípios não excludentes, mas interdependentes: o da

primazia do real e o da não-identidade entre sujeito e objeto. O primado do objeto é, para Adorno, central para entender a concepção não dogmática do materialismo. Ao romper com a “simetria” entre sujeito e objeto, a “tese” do primado do objeto desvenda como é insustentável a alegação de Habermas (1989), no Discurso Filosófico da Modernidade, que Adorno e Horkheimer caíram no ceticismo total frente à razão e à sua totalização ideológica. Maar (2006), ao contrário da idéia de Habermas, afirma que Adorno e Horkheimer, ao articularem de forma original substância material histórica e argumentação teórica, contribuíram de modo central para entender o problema da reificação mediante sua relação à objetividade (como o não-idêntico) no âmbito da razão.

Para Rose (1978, p. 61), nessa discussão, Adorno “pretendia providenciar uma base filosófica e sociológica para o estabelecimento do primado do objeto e a mediação entre sujeito e objeto, sem incidir numa posição que dava suporte à prioridade do sujeito”. Em outras palavras, a tarefa da Dialética Negativa é voltar-se contra a identidade entre o pensamento e o pensado. Ela não visa à identidade, pressuposta desde o início na totalidade, mas à não-identidade entre coisa e pensamento, impedindo, assim, a instauração da reificação total (GATTI, 2009, p.4).

Assim, o cognoscível só é possível na relação objeto \leftrightarrow sujeito \leftrightarrow objeto, porque há necessidade de um sujeito que pense o objeto e de um objeto que se apresente ao sujeito. É importante lembrar que para Adorno o sujeito não consegue compreender a realidade na sua totalidade, ou seja, só é capaz de conhecê-la de forma limitada. Essa posição aproxima-se relativamente à defendida por Marx, para quem o real não é inteligível em sua totalidade, sendo apenas possível apreender traços determinantes do real. No sentido marxista, os movimentos e os nexos que determinam a apreensão do real se sustentam na relação matéria-consciência, de forma que o real é reproduzido no intelecto como real pensado, sendo esta a fonte de origem das categorias de análise.

Aqui surge o segundo princípio. Para Adorno, o limite é dado pelo princípio da não-identidade entre o sujeito e o objeto, de forma que não é possível conhecer o todo pela força do pensamento. De certa forma, isto já se encontrava na máxima spinoziana, segundo a qual o conceito do cão não late (o conceito do objeto não é o objeto). Portanto, quando um sujeito acredita compreender um objeto na totalidade, ele acredita ser ele mesmo superior à própria compreensão desse objeto.

Como lembra Maranhão (2010, p. 42), o sentido material da tese de Adorno é sua vinculação com a compreensão da:

- i. “Expressão dos objetos, ou seja, possibilidade concreta; factualidade”;
- ii. “Constelações de idéias que os geram (a revelação de seus vínculos históricos e condições concretas de realização)”;
- iii. “Capacidade de *experiência* do homem no mundo, ou seja, a faculdade do sujeito em ser sujeito, em experimentar o mundo em suas condições concretas de realização e vislumbrar a existência para além do aí está”.

Colocado dessa forma, *imagens dialéticas* referem-se à tarefa da filosofia da história que seria a de “construir idéias que, sem ultrapassar o conjunto do material dado de modo confiável, detenha mesmo assim poder revelador do ordenamento deste material na realidade efetiva” (HORKHEIMER *apud* MAAR, 2006, p. 136).

Assim, é nessa discussão que Adorno discorre sobre um dos grandes problemas filosóficos da modernidade, a definição do que pode ser conhecido. O cognoscível tornou-se um problema central desde Kant, que procurou livrar os homens das trevas, de uma filosofia que pretendia firmar o mito como condição *sine qua non* para a compreensão da realidade.

O projeto para livrar os homens da escuridão pelo esclarecimento, assim, é a retomada do projeto que coloca os homens no centro da produção do conhecimento. Por meio de uma Razão Crítica (KANT, 2001), é possível um mundo inteligível. Kant, portanto, procura colocar o homem no centro do conhecimento, sem, contudo, cair na ingenuidade de atribuir a ele capacidades para além do que realmente é possível.

Não é de estranhar, portanto, o conhecimento de Adorno sobre a filosofia de Kant, assim como não é inadequado creditar a Kant o esforço de Adorno em fazer dos homens indivíduos autônomos. No centro dessa discussão, a relação objeto ↔ sujeito ↔ objeto torna-se um tema central:

El objeto solo puede ser pensado por medio del sujeto; pero se mantiene siempre frente a este como otro. En cambio, el sujeto, ya por su misma naturaleza, es antes que todo también objeto. El sujeto es impensable, ni siquiera como idea, sin objeto; en cambio este lo es sin aquél (ADORNO, 1975, p. 185).

Sujeito e objeto são distintos, mas a compreensão de um e de outro está intimamente ligada, sobretudo porque o sujeito é, antes de tudo, ele mesmo objeto central na compreensão dos objetos. Ademais, um objeto não pode ser pensado sem um sujeito que opera com categorias abstratas para compreendê-lo, as quais se relacionam com uma base material que dá origem à compreensão do objeto.

Apesar dessa "rede de categorias", tanto de natureza objetiva como subjetiva, que orienta a compreensão da realidade, todo objeto constitui-se dentro de características objetivas, tendo como características centrais: (i) ser válido para duas ou mais pessoas, pois o objeto não se consolida, quando se apresenta como algo válido para uma única pessoa; (ii) ser algo externo à consciência ou ao pensamento, pois a possibilidade de ser algo pertencente apenas à consciência não permite o compartilhamento de um objeto pelos indivíduos; (iii) estar em conformidade com certas regras ou métodos compartilhados, que só podem ser compreendidos quando elementos externos aos objetos são compartilhados.

Assim, o objetivo (que, conforme foi dito, pode ser o próprio sujeito que pensa o objeto) é a coisa que se apresenta, tanto em qualidade como em quantidade. O objeto pode ser meio ou fim; apesar de se ter o objeto como fim, este pode também vir a se tornar o elemento central de formas totalitárias e absolutas. Em suma, o objeto, para constituir-se como tal, precisa ser "externo", "real" e independente. O objeto, todavia, só é compreensível por meio do sujeito que o pensa, dependendo sua cognoscibilidade da mediação de toda a consciência de um indivíduo, como resultado dos elementos históricos e das condições materiais apresentadas pela sociedade e não de uma consciência formada pelo individual.

A compreensão da realidade, ou aquilo que pode ser compreensível, é resultado da subjetividade e das propriedades objetivas com que um objeto se apresenta. O cognoscível é a real medida de determinadas condições materiais e históricas da consciência. A dialética neste contexto *"es el desgarrón entre sujeto y objeto, que se há abierto paso hasta la consciencia; por eso no la puede eludir el sujeto, y surca todo lo que este piensa, incluso lo exterior a él. Pero la dialéctica sería la reconciliación"* (ADORNO, 1975, p. 15).

Na emitente conduta de reconciliar o sujeito cognoscente e o objeto com suas propriedades exteriores ao próprio sujeito, a dialética é o método de compreensão da realidade a afirmar que o conhecimento se forma da primazia do objeto. O sujeito cognoscente não pode conhecer o objeto na sua totalidade, apesar da tentativa da consciência. Na perspectiva de Adorno, a consciência, para compreender a realidade, opera com conceitos por meio do movimento do pensamento. O entendimento pleno do objeto somente se efetivaria se houvesse a identidade do indivíduo com o próprio objeto, o que, entretanto, não acontece senão metafisicamente. A realidade é mais do que a consciência do indivíduo que o pensa. Os movimentos do objeto e da consciência do indivíduo, originários das transformações materiais ocorridas na totalidade, impossibilitam que o princípio da identidade se concretize.

Em termos práticos, toda forma de pensamento totalitário se firma na concepção de que é possível estabelecer total identidade entre o sujeito e o objeto. Formas autoritárias, tal como o nazismo, são ações que se afirmam no princípio da identidade do elemento conciliador da consciência, que compreenderia a realidade de forma plena. Mais do que isso, esse princípio se firmaria para um conjunto privilegiado de indivíduos. A identidade, neste ponto, seria o próprio fiador do pensamento totalitário, ou seja, do pensamento que se fecha em seus próprios pressupostos.

Adorno, contrário a essa concepção, defende o princípio da não-identidade, ainda que em momento algum enalteça a ditadura do relativismo. O princípio da não-identidade não é uma teoria ou um pressuposto para o ser cognoscível, mas resultado do movimento do sujeito e das mudanças do objeto. Diferente de entendimentos pós-modernos, que sugerem a relativização de todas as esferas da vida social, a dialética negativa não se refere a uma ligação entre a não formação de conceitos ou de “modelos” para a compreensão da realidade. Concebe tão-somente que o princípio da não-identidade provoca uma reflexão constante em relação à formação de entendimentos, conceitos, “modelos” ou a qualquer forma de compreensão da realidade.

O projeto da dialética negativa implica impedir que conceitos se absolutizem, fechando-se em afirmações dogmáticas, ou seja, que se estabeleçam afirmações totalitárias com base em formulações prontas. O grande aliado da dialética negativa é o próprio movimento da história e do mundo concreto. Com base neste movimento, o princípio da não-identidade é responsável pelas contradições apresentadas nas relações concretas e sociais. Este fato ocorre porque *“cuanto menos identidad puede ser supuesta entre sujeto y objeto, tanto más contradictoria es la fortaleza indomable y la sincera introspección que se le exige al sujeto como cognoscente”* (ADORNO, 1975, p. 39).

O princípio da não-identidade, por si mesmo, é o levante da contradição. Não se pode pensar o real sem que se possa cair em contradições originárias no próprio processo de pensá-lo. A não-identidade é decorrente da impossibilidade de sujeito e objeto constituírem uma unidade comum. A premissa da transformação do concreto (incluindo o próprio sujeito cognoscente) é a engrenagem da derrota do princípio da identidade. Nesse processo, a contradição torna-se elemento normal do processo de compreensão da realidade. Os elementos constituintes da dialética são “etapas” ocorridas na naturalidade constante do princípio da não-identidade. Assim, *“la contradicción es lo no idéntico bajo el aspecto de la identidad; la primacia del principio de contradicción dentro de la dialéctica mide lo heterogéneo por la idea de identidad”* (ADORNO, 1975, p. 13).

Qualquer tentativa de adequação da dialética negativa a regras que estabelecem qualquer forma de afirmação dogmática é, na realidade, um atentado contra seus próprios princípios. Da mesma forma, quanto mais se procura afirmar que a identidade é de fato uma busca necessária do conhecimento científico ou da filosofia, mais intensos são os equívocos. O princípio da não identidade faz da onipotência intelectual um ponto de fricção entre os interesses dos pesquisadores e a realidade que o mesmo tenta conhecer. O sujeito tenta ser sempre “mais” do que o objeto que procura conhecer, embora ele nunca consiga apreender a realidade totalmente. Assim, o sujeito obriga-se a adequar-se à realidade.

Nesse sentido, o cognoscível é lema constante no sujeito que pensa. A dificuldade de apreensão da realidade não é problema do sujeito, mas de um todo que está em movimento constante de construção de várias realidades, que se apresentam de formas diversas e contraditórias, impossíveis de serem conhecidas em sua totalidade por meio da consciência.

Esses princípios, colocados à disposição dos Estudos Organizacionais, sugerem que o pesquisador e o objeto que o mesmo pesquisa (a organização, as relações de trabalho, os conflitos etc.) necessitam interagir, mas não se confundem. Em outras palavras, o pesquisador necessita saber que ele e o objeto são distintos, mas não distantes e tampouco neutros, que ele não é superior ao objeto, mas que deve submeter-se ao que este “fala” para compreendê-lo em seus movimentos. O pesquisador que pretenda seguir o método proposto por Adorno necessita atribuir a primazia ao objeto e estabelecer uma mediação entre este e ele, sem incidir numa posição que conceda toda a palavra ao objeto (a armadilha do empirismo). Por outro lado, o pesquisador não deve adotar procedimentos que concedam prioridade ao sujeito, ou seja, que este antes mesmo de interagir com o real, de “escutá-lo”, já defina as formas de apropriação de seus elementos constitutivos: a teoria, as técnicas de coleta, análise e interpretação de dados, as fórmulas. A tarefa da Dialética Negativa é, portanto, voltar-se contra a identidade entre o pensamento e o pensado e contra o primado da idéia, de forma a impedir a instauração da reificação.

Aparência e Contradição como Elementos da Recusa para a Instituição da Totalidade

Na filosofia moderna, sobretudo depois de Kant, o problema da aparência é uma discussão que tangencia a constante busca da relação entre sujeito e objeto, podendo a aparência ser considerada um dos elementos centrais no processo de identidade. Todo fenômeno que se apresenta para o sujeito é internalizado por meio de esquemas construídos de conceitos associativos ou comparativos. Mesmo o entendimento da aparência é uma compreensão parcial, apesar de ter-se tornado totalitário no mundo em que a compreensão do ser se transformou em uma obsessão da teoria do conhecimento.

Ante a aparência e o fenômeno, o mediador da identidade é a consciência.

(...) la consciencia tenga que tender por su forma a la unidad, es decir, mientras mida lo que no le es idéntico con su pretensión de totalidad, lo distinto tendrá que parecer divergente, disonante, negativo. Esto es lo que la dialéctica reprocha a la consciencia como una contradicción. La esencia inmanente de la misma consciencia comunica a la contradicción el carácter de una ley ineludible y funesta. Identidad y contradicción del pensamiento están soldadas la una a la otra. La totalidad de la contradicción no es más que la falsedad de la identificación total, tal y como se manifiesta en ésta. Contradicción es no-identidad bajo el conjuro de la ley que afecta también a lo no-ídéntico (ADORNO, 1975, p. 14).

É importante ressaltar que às contradições da realidade não se atribuem apenas o princípio de não identidade decorrente da consciência que não consegue abraçar o todo. Realidade concreta e consciência movimentam-se, interdependentes uma da outra, mas relacionadas como objetos pertencentes a um conjunto de variáveis presentes na realidade. O próprio propósito de a consciência tentar compreender a totalidade por meio da identidade reforça a contradição da impossibilidade de se conhecer o todo. A compreensão do todo pressupõe a capacidade de, ao mesmo tempo, ser capaz de se inserir completamente nos objetivos de conhecer algo que precisa ser compreendido nas suas mais variadas formas, conteúdos e inserções sociais, assim como a capacidade de abster-se de participar demasiadamente da tentativa de compreensão da realidade baseada em categorias construídas, mediante dinâmica integrada do sujeito e do objeto.

A adoção da participação total ou parcial carrega consigo os elementos centrais para a formulação de contradições por conta do estabelecimento da não-identidade entre a consciência que procura compreender o objeto e o objeto com suas propriedades que identificam realmente o que ele é. Em "Dialética do Esclarecimento", Horkheimer e Adorno (2002) afirmam que a busca pelo domínio da natureza é responsável pelo estabelecimento do divórcio do homem com a natureza. Em uma sociedade cada vez mais esclarecida, embora não emancipada, a "expulsão" do homem da natureza pode ser compreendida como o primeiro ato da separação entre sujeito e objeto. Antes do rompimento, o sujeito cognoscente não compreendia o objeto como apenas um ente que precisava ser compreendido. A partir do momento em que quase todos os objetos (materiais ou não) se transformam em objetos de desejo (no capitalismo, como produtos da exploração do capital sobre o trabalho), a matéria passa a ter propriedades consideradas "fantasmagóricas", ou seja, tidas como objetos que precisam ser dominados para gerar satisfação ou realizar um desejo.

Da mesma forma, a consciência faz dos conceitos objetos com propriedade para além do concreto de suas propriedades. A perpetuação desses conceitos cada vez mais abstratos (com a filosofia, transformando-se na principal "fábrica" de abstrações a procurar respostas racionais e inteligíveis, mesmo insuficientes para auxiliar na compreensão da realidade) faz da aparência o que se apresenta como verdadeiro. No nível da aparência, é possível mascarar as contradições. Todavia, esse mascaramento é previsível e relativo às próprias limitações dos sujeitos ou da ideologia que cria imaginários capazes de "distorcer" a realidade.

O grande interesse ou mesmo preferência pela aparência é porque a compreensão da realidade se torna fácil e imediata. Em um mundo em que o abstrato está

presente em todos os níveis da sociedade, a aparência atende às necessidades de mudanças rápidas. A ideologia, neste ponto, monopoliza a aparência para atender aos fins de grupos específicos. Apesar disso, a aparência apresenta-se como importante elemento para a compreensão da realidade, por ser o primeiro elemento da construção da cognoscibilidade. Para ser cognoscível, no entanto, pensamento, categorias de análise e conceitos são fundamentais, pois

la pura forma del pensamiento está intrinsecamente marcada por la apariencia de la identidad. Pensar quiere decir identificar. El orden conceptual se interpone satisfecho ante lo que el pensamiento trata de comprender. Apariencia y verdad del pensamiento son inseparables (ADORNO, 1975, p. 13).

De fato, a dialética negativa rechaça o princípio da unidade e da onipotência e superioridade do conceito (ADORNO, 1975, p. 8). Entretanto, é importante observar que, sem conceito, não há possibilidade de estabelecer pensamento. Ninguém pensa sem dispor de um conjunto de conceitos que viabilize a compreensão da realidade. Assim, a partir do objeto, o sujeito do conhecimento elabora categorias analíticas a partir das quais desenvolverá os conceitos. A idéia de que as categorias são reflexos da realidade, são espelhos do real no plano do intelecto, formulada a partir de Lênin, não corresponde ao pensamento de Marx nem ao de Adorno. Para Marx, as categorias constituem formas de organização do conteúdo do real mediadas pelo pensamento, enquanto os conceitos são expressões abstratas compartilhadas socialmente. Para Adorno, a formulação de conceitos e o processo de destruição e reformulação contínua do mesmo só se efetivam por meio do pensamento filosófico. Em outras palavras, *"solo la filosofía puede y debe emprender el esfuerzo de superar el concepto por medio del concepto"* (ADORNO, 1975, p. 24).

Para Adorno, superar o conceito por meio do conceito não é um debate metafísico, pois o conceito que supera deve buscar seus fundamentos no mesmo lugar do superado, para se sentir autorizado a superá-lo. É assim que a razão liberta os homens dos mitos, dos dogmas e do senso comum, formando um sistema conceitual que se modifica por meio da operação do pensamento, pelas leis da dialética. Mesmo as ciências positivas, apesar de se apresentarem como pressupostos distintos da dialética, estão configuradas por mudanças ocorridas na natureza. As ciências, diferentes da filosofia, pelo fato de estarem imbricadas em "normas", procedimentos, metodologias e pressupostos quase inquestionáveis, são responsáveis pela passagem da passividade para a pró-atividade no processo de mudança e controle da natureza. Os instrumentos, objetos, conhecimentos ou produtos das ciências formam a prova material de que é possível que determinadas leis da natureza sejam entendidas, sobretudo, quando os indivíduos se tornam os senhores da mudança da realidade.

O crescente domínio da natureza está relacionado diretamente ao domínio do mundo abstrato e, nesse sentido, o conceito é um dos elementos centrais desse processo. Desta maneira, o domínio do conceito por meio do conceito é um fato que não pode ser separado da realidade, pois é nesse campo histórico que a cultura, a política e a ideologia se concretizam, praticamente, como objetos não só de confirmação ou afirmação do que ocorre no plano da infra-estrutura, mas como eles mesmos, como elementos que estão no interior da realidade concreta.

Esse fato ocorre porque a

verdad es que todos los conceptos, incluidos los filosóficos, tienen su origen en lo que no es conceptual, ya que son a su vez parte de la realidad, que les obliga a formarse ante todo con el fin de dominar la naturaleza. La mediación conceptual se ve desde su interior como la esfera más importante, sin la cual es imposible conocer; pero esa apariencia no debe ser confundida con su verdad (ADORNO, 1975, p. 20).

Não é mais possível voltar à horda originária, nem mesmo é possível acreditar que a história da sociedade se repetiria nas mesmas condições materiais originais. Se assim acontecesse, não seria possível acreditar na existência da autonomia, tanto no plano individual como coletivo. É possível identificar, de fato, certas ocorrências

como sendo comuns no processo de transformação da realidade, isto porque grande parte da base material é a mesma para a sociedade, independente de sua localização. Todavia, é impossível desconsiderar as particularidades responsáveis pelas formações específicas da cultura, das ideologias e dos imaginários específicos.

Mesmo os conceitos mais compartilhados e inteligíveis para uma maioria carregam, em si mesmo, o gérmen de certa irracionalidade. Isto ocorre não porque haja um voluntarismo ou uma independência total da natureza com a consciência de quem pensa a realidade. É porque a própria dialética é um sistema conceitual que procura conhecer as categorias essenciais para a compreensão da realidade, pensadas dentro do princípio da não-identidade, o que faz da própria dialética um sistema que se modifica no movimento da natureza e da consciência.

Neste ínterim, *"el concepto es en la lógica dialéctica un componente como otro cualquiera. Su carácter de mediado por lo irracional sobrevive en él gracias a su significado, quien a su vez fundamenta el que sea concepto"* (ADORNO, 1975, p. 20). O impedimento da transformação de conceitos em dogmas ou mitos é uma tarefa de constante movimento do pensamento. Se for possível afirmar que determinadas compreensões são resultado de um sistema de conceitos em determinados momentos históricos, é possível afirmar que o sistema conceitual é modificado pela primazia do objeto no contexto de sua época, sobretudo relacionado a condições materiais dessa mesma época.

A irracionalidade de uma época histórica apresenta-se não pelo conjunto do que não pode ser entendido em determinada época, mas pela incapacidade de conhecer algo por meio da articulação do pensamento coletivo e da inteligibilidade causada pela falta de capacidade do pensamento em operar com as categorias de análises. Essas categorias são proporcionadas pela reflexão sobre a realidade e delas podem ser deduzidos conceitos universalizáveis. A racionalidade ou irracionalidade de um conceito está na capacidade de um coletivo atribuir a ele um fim e não em vê-lo como um meio para um fim que não tem resultado pronto. Dessa forma, *"la reflexión del concepto sobre su propio sentido le hace superar la apariencia de realidad objetiva como una unidad de sentido. (...) La desmitologización del concepto es el antídoto de la filosofía. Impide su proliferación malsana hasta convertirse en el Absoluto"* (ADORNO, 1975, p. 21).

A superação de todas as compreensões de caráter totalitário é uma tarefa que pressupõe atribuir à dialética uma natureza negativa, ou seja, um princípio de não-identidade entre sujeito e objeto que torne o conceito um meio de formulação de sistemas de compreensão em constante movimento, originário das transformações ocorridas na natureza e na consciência. A negação da negação, dessa forma, é a lei da dialética que impede o absolutismo das compreensões mecânicas e automatizadas, ao se tornar, como síntese, em nova tese. É o elemento que transforma o conceito em evolução sem creditar relativismo ou absolutismo. O pensamento crítico, portanto, é o movimento de categorias específicas que operam por conceitos e evidenciam-se como sistemas. O pensamento crítico é produto da realidade, tanto do sujeito como do objeto, sem, contudo, cair na formulação de estereótipos. *"El pensamiento es, por su misma naturaleza, negación de todo contenido concreto, resistencia a lo que se le impone; así le ha heredado de su arquetipo, que es la relación del trabajo con su material"* (ADORNO, 1975, p. 27).

No pensamento, sujeito e objeto não são operados separadamente, apesar da sua independência. *"El pensamiento es incapaz de conquistar una posición en que desaparezca inmediatamente la separación de sujeto y objeto que le subyace a él mismo y a todas sus operaciones"* (ADORNO, 1975, p. 89). Todo pensamento organizado fundamenta-se em operações que têm como base conceitos insuficientes para explicar o total de uma realidade.

No campo dos Estudos Organizacionais, isto significa que o pensamento explica uma realidade pesquisada, mas nunca na sua plenitude. Não se pode, portanto, exigir de um estudo sobre uma organização, seja qual for o campo específico da pesquisa, que o conhecimento produzido possa dar conta de toda a realidade plenamente. A realidade sempre é mais do que o pensamento. Neste sentido, quando um pensamento tenta ser mais do que a realidade que ele tenta explicar, porque os sujeitos pesqui-

sadotes que o sustentam o fazem no sentido de valer seus interesses ou propósitos, esse movimento lhe confere natureza totalitária. O pesquisador necessita compreender os limites da produção do conhecimento para não se deixar levar pelo pensamento da totalidade, pela concepção de que pode explicar o objeto totalmente. Um sistema totalitário é formado por um conjunto de pensamentos considerados suficientes em si mesmos, de tal forma que nada mais é questionado ou serve como embasamento para explicar a realidade. Aqui se encontram os estudos organizacionais que se pretendem definitivos porque acreditam que a teoria escolhida e as técnicas de pesquisa adotadas não deixam margem a questionamentos que não sejam aqueles referentes às próprias técnicas ou à teoria, pois a realidade é plena e totalmente apreensível.

A Formação de Sistemas Totalitários

A formação de sistemas totalitários passa pelo processo de aprisionamento dos indivíduos em concepções consideradas inquestionáveis, porque inclui todos os indivíduos em suas regras e em sua lógica determinada. O sistema totalitário é capaz de estabelecer padrões de pensamento compartilhados que impedem os indivíduos de identificarem suas contradições ou, quando identificam, permite-lhes serem capazes de criar racionalidades para justificar o próprio sistema. Neste sentido, os Estudos Organizacionais podem tratar do sistema de capital não a partir de um estudo crítico sobre a lógica do mesmo, mas como concepção justificadora e reprodutora, que naturaliza uma realidade que não conteria nenhuma contradição. Assim, as estratégias empresariais, por exemplo, seriam apenas formas de ação diante de uma realidade competitiva e não mecanismos de geração de mais valor pela força de trabalho.

De fato, o capital não pode ser pensado sem o trabalho. É nesse sentido que Adorno entende que:

sin ente no hay ser. Todo concepto, incluso el de ser, necesita para ser pensado basarse em algo. 'Algo' es la abstracción extrema de la realidad diferente del pensamiento; ningún proceso mental ulterior puede eliminarlo. La lógica formal es impensable sin el algo; imposible expurgarla de su rudimento metalógico. La forma de la abstracción es incapaz de sacudirle de encima al pensamiento la realidad concreta; suponer una forma absoluta es una ilusión (ADORNO, 1975, p. 139).

Estudos sobre a materialidade das organizações devem considerar que para pensar o capital e seu movimento na sociedade atual é necessário considerar o que é o processo de trabalho nesta mesma sociedade. A abstração, muito usual, do conceito de capital e de trabalho implica articular ambos por meio do pensamento, de tal forma que tais conceitos se apresentam metafisicamente e não no plano concreto. Nenhum conhecimento pode se transformar em um conjunto de conceitos definitivamente sistematizados, em teorias absolutas para compreensão da realidade. Adorno (1975, p. 43) afirma que "*la transformación de categorías epistemológicas en morales es un hecho que se repite en la historia de la filosofía*". Assim, cada época pôde criar um sistema específico de conhecimentos capaz de explicar a realidade naquele determinado período histórico. Entretanto, nenhum desses sistemas foi capaz de explicar toda a realidade, pois a relação entre sujeito e objeto é suscetível às transformações dos sujeitos e dos objetos.

Não se trata de relativizar o conhecimento e de renunciar aos conceitos que procuram explicar a realidade, simplesmente, pelo fato de todo conhecimento ser o conhecimento de determinada época. A realidade se encontra em movimento, mas é preciso compreender que muito de sua essência atravessa períodos historicamente mais longos. Além do que, o relativismo não é somente uma deficiência da forma de apreensão da matéria em movimento, mas igualmente uma figura limitada da consciência ou dos limites do pensamento (ADORNO, 1975, p. 43).

O relativismo é resultado da não possibilidade de conhecer algo, porque determinadas condições materiais e históricas ainda não se apresentaram para os indivíduos. O grande desafio na atualidade é desgarrar o relativismo como um dos pilares da pós-modernidade que, baseada nas impossibilidades do conhecimento total, renuncia ao rigor, ao método e aos sistemas científicos. Esta é uma atitude fácil que corrobora

uma forma de pensamento totalitário, uma vez que a ausência de rigor como forma de compreensão da realidade é, na verdade, uma renúncia do conhecimento sistemático e radical. Nos Estudos Organizacionais, se percebe a presença cada vez mais acentuada de concepções pós-modernas que se valem de métodos mais “flexíveis” para explicar a realidade. A relatividade não requer falta de conhecimento objetivo. O que ocorre é que o relativismo é vulgarizado e levado aos extremos da subjetividade, de tal sorte que não é possível formar um conhecimento compartilhado e radical no sentido científico e filosófico. O que se cria é um conjunto de idéias livres, muitas vezes dissociadas e, na maioria das vezes, sem conexão ou coerência epistemológica.

Dentro dessa realidade, o indivíduo torna-se ontologicamente indeterminado, pois a relativização faz aceitar e crer em qualquer fonte ou idéias agrupadas para definir o indivíduo. Em uma construção racionalizada, os fundamentos irracionais são aceitos como formas de escape para justificar a falta de objetividade na construção de um conhecimento específico para o indivíduo. Assim,

la reactivación de la ontología con una intención objetivista se tendría que apoyar en lo que ciertamente menos casa con ella, a saber: en el hecho de que el sujeto se ha convertido en gran parte en una ideología encargada de encubrir el sistema objetivo de funciones que es la sociedad y de paliar en él sufrimiento subjetivo (ADORNO, 1975, p. 70).

Nesse contexto, o mundo envolvido objetivamente em uma totalidade reprime a consciência dos indivíduos (ADORNO, 1975, p. 25). A adesão às irracionalidades diretas (terrorismo, nazismo, preconceitos) ou indiretas (omissão nos atos de barbárie, banalização do sofrimento humano, exploração do trabalho, exclusão social) é resultado da perda da capacidade de pensar criticamente, de fazer dos sistemas de pensamentos lugares seguros de reconhecimento social e de fornecimento de identidades.

Assim, de forma contraditória, a realidade exige mudanças e adaptações dos indivíduos de forma rápida e objetiva, ao mesmo tempo em que fornece a ele sistemas totalitários que não permitem à consciência fugas de formas de pensamento prontas e determinadas. Cria-se uma falsa ilusão de liberdade de pensamento, sobretudo com a apologia à liberdade de expressão como condição fundamental de liberdade individual, quando, nas organizações, sob o comando do capital, prevalece a palavra em liberdade vigiada (ENRIQUEZ, 1974). Isto porque o real é sempre maior do que se possa apreender do concreto. É possível falar em conhecimento da realidade, mas não da realidade em si mesma. Cria-se um universo explicativo que se torna um conhecimento em si mesmo e não para os sujeitos da ação. Nesse sentido é que *“el conocimiento consiste en la compenetración de la función mental sintetizante con el material de la síntesis, y ninguno de ambos factores es independiente del otro”* (ADORNO, 1975, p. 88).

As mudanças que ocorrem no mundo concreto tornam-se os elementos da mudança de entendimento da realidade. Quando a consciência não acompanha, por força do pensamento, as mudanças do concreto, não é possível falar em pensamento crítico. Assim, *“la degeneración de la conciencia es producto de su carencia de reflexión crítica sobre sí. Esta es capaz de calar al principio de identidad. Pero sin identificación es imposible pensar; determinar es identificar”* (ADORNO, 1975, p. 152).

A crise de identidade do sujeito e objeto ganha significado nos sistemas totalitários, em que a consciência fossiliza formas específicas de pensamento e atribui a elas verdades inquestionáveis. Esse tipo de problema encontra-se, também, nos Estudos Organizacionais que partem de “verdades teóricas inquestionáveis” a serem verificadas, re-confirmadas ou que atuam como sistemas de referendo de pesquisas no campo empírico. A realidade não se manifesta por si, mas através de um esquema pré-definido.

Conclusão: Adorno e a dialética nos estudos organizacionais

O estudo de Batista-dos-Santos, Alloufa e Nepomuceno (2010) exemplifica bem a importância crescente de Adorno como referência nos estudos críticos nacionais.

A importância do intelectual frankfurtiano na área concentra-se nos estudos sobre a indústria cultural e a epistemologia. Apesar de ser associado como autor de ensaios teóricos, conforme Maranhão e Vilela (2010) afirmam, Adorno sempre se baseou em pesquisas empíricas, por meio do Instituto de Pesquisa Social, dirigida por ele e seu permanente parceiro, Max Horkheimer.

Adorno é um crítico com tendência a acreditar que a única forma certa de se fazer ciência é por meio do positivismo e não ao positivismo propriamente dito. A tradição, conforme compreensão de Adorno na Dialética Negativa, pode ser considerada um lugar seguro, previsível, uma zona de conforto para aqueles que não conseguem lidar bem com o imprevisível. A tradição pode, ainda, estar ligada ao rigor, como é o caso da ciência positivista, o que implica em benefícios e resultados consistentes. O que é questionável na tradição é a não possibilidade de estar aberto e receptivo a outras formas de pensamento ou de concepções da realidade; é a inflexibilidade e a forma dogmática pela qual se olha a realidade sem perceber as contradições internas que ela naturalmente apresenta. Esta situação não é incomum nas avaliações de pesquisas que se baseiam em uma teoria crítica da sociedade, pois estas interrogam o estabelecido, o naturalizado e o inquestionável.

Os Estudos Organizacionais seguem, em diversas ocasiões, o caminho mais engessado da tradição (MISOCZKY; AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005). Os estudos apresentados nesta linha tornam-se “provas” para justificar o que o pesquisador deseja antes mesmo de confrontar-se com a realidade e não o que a realidade tem a lhe dizer. Encontra-se nesta linha, igualmente, a adoção de modelos de análise destinados a atender interesses econômicos, a resolver problemas que desconsideram as contradições presentes nas organizações. Dessa forma, a pesquisa, encontra-se subsumida aos interesses do sistema de capital.

Para Adorno, a teoria tradicional não escapa da lógica de mercado. Ela é “colocada à venda” como mercadoria, aproveitada ou não, conforme sua eficácia e eficiência para somar algum tipo de valor. Como forma de resistência, Adorno faz da Dialética Negativa não só um levante contra todas as teorias tradicionais a serviço do capitalismo, mas também uma crítica aos intelectuais que, de forma oportunista, utilizam-se da dialética como método de análise. Em *“La actualidad de la filosofía”*, Adorno (1991) afirma que a filosofia não pode captar a totalidade da realidade por força do pensamento. Não é possível conhecer o todo por partes e nem as partes sem a compreensão do todo. As formas tradicionais de análises são imbricadas em interesses específicos, cujos direcionamentos estão quase sempre orientados pelos interesses econômicos.

O entendimento da relação entre sujeito e objeto, do papel dos conceitos e das formas como o pensamento totalitário se firma no mundo é mais do que uma avaliação meramente científica ou filosófica. É a busca pela compreensão dos movimentos políticos e ideológicos que influenciam a vida dos pesquisadores e da ciência como um todo. A ciência, tal como Adorno já confirmou em suas pesquisas e estudos sociológicos, é importante instrumento político-ideológico de formação cultural e moral dos indivíduos que vivem em sociedade.

Para o pensamento tradicional, um atentado é um ato de violência, mas é, ao mesmo tempo, uma forma de resistência contra as violências que as elites tentam estabelecer e perpetuar em todas as instâncias da vida social. Atentar é ir contra, é questionar e fazer valer as vozes políticas de grupos que não se sentem incluídos. Atentar no plano intelectual é transgredir, ir contra a corrente dominante que transforma todas as formas de pensamento em formas distanciadas da compreensão da realidade.

Considerando apenas, a título de ilustração, os trabalhos submetidos e apresentados nos Encontros da ANPAD na área organizacional, os pesquisadores que se utilizam da dialética constituem uma minoria, diante da tendência uniformizadora e quantitativamente expressiva do pragmatismo, do positivismo, do funcionalismo e da pós-modernidade. A contribuição decisiva da Teoria Crítica, especialmente a partir do método da dialética negativa de Adorno, é compreender que (i) o cognoscível só é possível na relação objeto \leftrightarrow sujeito \leftrightarrow objeto, ou seja, (ii) há necessidade de um sujeito que pense o objeto e (iii) o sujeito nunca consegue compreender a realidade

na sua totalidade, sendo apenas capaz de conhecê-la de forma limitada. Esse limite é dado pelo princípio da não-identidade, uma vez que não é possível conhecer o todo pela força do pensamento.

Para Adorno, quando um sujeito pesquisador acredita compreender um objeto na totalidade, ele acredita ser ele mesmo superior à própria compreensão desse objeto. Esse fato ocorre porque a aparência se apresenta como algo imediato e imanente. A realidade se apresenta como um conjunto de deformações que necessitam ser desvendadas a partir de suas contradições. A consciência, contudo, não capta de maneira total a realidade. A ausência de uma dialética negativa, para Adorno, faz da realidade apenas a realidade construída pelo sujeito e não aquela em que o sujeito procura conhecer os objetos como eles realmente são, com suas limitações. Assim, quando o sujeito passa a conceber a si mesmo como um conhecedor pleno da realidade pela força do pensamento, ele forma um sistema totalitário de idéias, fechando-se em suas próprias concepções e fomentando de forma independente sua realidade.

Quando a Dialética Negativa afirma que a realidade não pode ser conhecida na sua totalidade pela força do pensamento, o conhecimento dar-se-á pelo princípio da não-identidade. As contradições são partes constitutivas não só do sujeito que pensa a realidade, mas também dos objetos que a compõem. Elas apresentam-se como conjuntos de idéias que tiram do sujeito a onipotência e a tendência totalitária na busca de entendimentos definitivos.

A Dialética Negativa não pode ser anunciada como método utilizado nos Estudos Organizacionais. Contudo, ela oferece uma oportunidade de se pensar estes estudos de outra maneira. Como aqui sugerido, nos Estudos Organizacionais, cabe observar que: a interpretação de um fenômeno deve considerar sua estrutura no contexto do processo histórico global da sociedade; o fenômeno estudado produz e reproduz do ponto de vista econômico, técnico e espiritual (plano da consciência) as categorias e contradições sociais dominantes; os fenômenos são fatos sociais que devem ser julgados de acordo com certos critérios de valor imanentes, os quais devem ser descobertos através de uma reflexão histórica; a crítica considera o homem como sujeito e situa o fenômeno estudado em relação aos mecanismos existentes entre estrutura social, as formas de consciência e o desenvolvimento psíquico do indivíduo.

Ainda no campo dos Estudos Organizacionais, a proposta da Dialética Negativa é a de que os estímulos produzidos na esfera da relação dos sujeitos com a produção social devem ser considerados fenômenos históricos, pois ambos, estímulos e sujeitos, são historicamente formados. Para os Estudos em Organizações, o método da dialética negativa indica, portanto, que: o campo empírico deve ter sua materialidade social, contextual e historicamente considerada; não se pode discutir um conceito a não ser com um conceito que se origina de um mesmo fato; os valores que compõem o julgamento de um fato pesquisado devem ser históricos e não subjetivos ou que decorram de escolhas aleatórias; o sujeito não é um indivíduo que se pesquisa a partir de suas reações, respostas, discursos e comportamentos, mas um sujeito social e historicamente situado.

Para a Dialética Negativa, o pesquisador e o objeto que o mesmo pesquisa (a organização, as relações de trabalho, os conflitos etc.) necessitam interagir, mas não se confundem. O pesquisador necessita saber que ele e o objeto são distintos, mas não distantes e tampouco neutros. O pesquisador não é superior ao objeto, mas deve submeter-se ao que este “fala” para compreendê-lo em seus movimentos. Isto significa que o pensamento explica uma realidade pesquisada, mas nunca na sua plenitude. Não se pode, portanto, exigir de um estudo sobre uma organização, seja qual for o campo específico da pesquisa, que o conhecimento produzido possa dar conta de toda a realidade plenamente. A realidade sempre é mais do que o pensamento.

Referências

ADORNO, Theodor W. *Dialéctica negativa*. Madrid, Espanha: Taurus, 1975.

_____. *Actualidad de la filosofía. Colección Pensamiento Contemporáneo*. España, Barcelona: Ediciones Piados, 1991.

- _____. *Kant's critique of pure reason*. California: Stanford University Press, 2001a.
- _____. *Metaphysics: concept and problems*. California: Stanford University Press, 2001b.
- _____. *Aesthetic theory*. London and New York: Continuum, 2002.
- _____; EISLER, Hanns. *El cine y la musica*. Madrid: Editorial Fundamentos, 1976.
- BATISTA-DOS-SANTOS, Ana Cristina; ALLOUFA, Jomária M.L.; NEPOMUCENO, Luciana H. Epistemologia a metodologia para as pesquisas críticas em administração: leituras aproximadas de Horkheimer e Adorno. *Rev. de Adm. Empresas*, São Paulo, v. 50, n. 3, p. 312-324, jul., 2010.
- BUCK-MORSS, Susan. *The origins of negative dialectics*. Brighton: Harvester Press, 1977.
- CHEPTULIN, Alexandre. *A dialética materialista: categorias e leis da dialética*. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.
- CHIARELLO, Maurício. Em defesa de Adorno: a propósito das críticas endereçadas por Giorgio Agamben à dialética adorniana. *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, p. 183-201, 2007.
- CLAUSSEN, Detlev. *Theodor W. Adorno: one last genius*. Massachusetts, London: The Belknap Press of Harvard University Press, 2008.
- DUARTE, Rodrigo. Reflexões sobre dialética negativa, estética e educação. In: PUCCI, Bruno; GOERGEN, Pedro; FRANCO, Renato (Orgs.). *Dialética negativa, estética e educação*. Campinas: Editora Alínea, 2007. p.80-98.
- ENGELS, F. *A dialética da natureza*. São Paulo: Paz e Terra, 1976.
- ENRIQUEZ, Eugène. Imaginário social, recalçamento e repressão nas organizações. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, v. 36/37, p. 53-97, jan./jun., 1974.
- GATTI, Luciano. Exercícios do pensamento: dialética negativa. *Novos Estudos - CEBRAP*, São Paulo, n. 85, p. 261-270, 2009.
- HABERMAS, Jürgen. *El discurso filosófico de la modernidad*. Madrid: Taurus Ediciones, 1989.
- _____; ADORNO, Theodor W. *Dialectic of enlightenment*. California: Stanford University Press, 2002.
- JAMESON, Frederic. O marxismo tardio: Adorno, ou a persistência da dialética. São Paulo: Editora da UNESP: Editora Boitempo, 1997.
- JAY, Martin. *Adorno*. Londres: Fontana, 1984.
- KANT, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.
- MAAR, Wolfgang Leo. Materialismo e primado do objeto em Adorno. *Trans/Form/Ação*, Marília, v. 29, n. 2, p.133-154., 2006.
- MARANHÃO, Carolina M. S. A. *Indústria cultural e semiformação*. Análise curricular da formação dos administradores. 2010. Tese (Doutorado) – CPPAUFMG, Belo Horizonte, 2010.
- MARANHÃO, Carolina M. S. A.; VILELA, José Ricardo P. X. Teoria crítica e pesquisa empírica: um estudo sobre Theodor Adorno. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – ENANPAD, 34, 2010. *Anais...* Rio de Janeiro: ANPAD, 2010.
- MARX, Karl. *O método na economia política*. Lisboa: Venda Nova/Amadora, 1974.
- _____. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Martins Fontes, 1977.

- MISOCZKY, Maria Ceci; AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Uma crítica à crítica domesticada nos estudos organizacionais. *Rev. Adm. Contemporânea*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 215-233, mar., 2005.
- MUSSE, Ricardo. Elementos da crítica de Adorno a Kant. *Dois Pontos*, Curitiba, São Carlos, n. 1, p.201-216, abr., 2007.
- _____. Passagem ao materialismo. *Lua Nova*, São Paulo, n.60, p.97-116, 2003.
- NOBRE, Marcos Severino. *A dialética negativa de Theodor W. Adorno. A ontologia do estado falso*. São Paulo: Iluminarus/FAPESP, 1998.
- O'CONNOR, Brian. *Adorno's negative dialectic: philosophy and the possibility of critical rationality*. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.
- PAULA, Ana Paula P.; MARANHÃO, Carolina M. S. A.; BARRETO, Raquel O.; KLECHEN, Cleiton F. A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais Críticos no Brasil. *Rev. Adm. Empresas*, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 10-23, mar. 2010.
- POLITZER, Georges; BESSE, Guy; LAVEING, Maurice. *Princípios fundamentais de filosofia*. São Paulo: Hemus, 1977.
- POPPER, Karl. *A lógica das ciências sociais*. São Paulo: Tempo Brasileiro, 1978.
- REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. 4. ed. Vol. III. São Paulo: Paulus, 1991.
- ROSE, Gillian. *The melancholy science. An introduction to the thought of Theodor W. Adorno*. London: Macmillan, 1978.
- RÜDIGER, Francisco. *Theodor Adorno e a crítica à indústria cultural: comunicação e teoria crítica da sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- THOMSON, Alex. *Para compreender Adorno*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- WIGGERSHAUSS, Rolf. *The Frankfurt School: its history, theories and political significance*. Cambridge: Polity, 1994.
- WILSON, Ross. *Theodor Adorno*. New York: Routledge, 2007.

Artigo recebido em 23/04/2009.

Artigo aprovado, na sua versão final, em 25/11/2010.

